

## HOSPITAL BEATRIZ ÂNGELO

“Optámos pela proposta mais competitiva”

**A Securitas foi a empresa escolhida para garantir a segurança do novo Hospital Beatriz Ângelo, localizado em Loures, inaugurado no princípio deste ano.**

Tendo iniciado a prestação de serviços ainda na fase de acabamento desta unidade hospitalar, a Securitas assegurou igualmente a segurança no dia da sua inauguração, onde estiveram várias individualidades, incluindo o Ministro da Saúde, Dr. Paulo Macedo. Falámos com o Administrador Executivo da SGHL – Sociedade Gestora do Hospital de Loures, S.A., Dr. Artur Vaz, sobre questões de segurança e também relativas ao funcionamento do Hospital.

**Securitas Portugal - Qual a importância da segurança numa unidade hospitalar?**

**Dr. Artur Vaz** - É muita. O aspecto que me preocupa mais é a segurança das pessoas, embora a segurança dos bens também seja naturalmente importante, em virtude de dispormos de bons equipamentos nas nossas instalações.

Nas urgências recebemos todo o tipo de pessoas, tanto pacientes como acompanhantes, sejam eles familiares ou amigos. A segurança neste tipo de serviço é essencial. É preciso que a entidade que contratámos para esta área tenha *know-how* e competência para gerir as eventuais situações que possam surgir.

A empresa de segurança é a cara do hospital, pois o contacto inicial do utente é com o Vigilante, é o primeiro momento da verdade.

Vim de Coimbra, onde trabalhei em todos os hospitais daquela cidade, para abrir o Hospital Amadora-Sintra, em 1996, numa zona mais problemática do que esta em termos de segurança. Em Coimbra a realidade é diferente, tem características sociais diferentes da Amadora, onde há uma relação mais tensa do que a que estava habituado em Coimbra, que é mais calma.

Em 2003 saí do Amadora-Sintra e vim para o Grupo Espírito Santo.

**SP - Considerando os padrões de avaliação e selecção de Fornecedores para o Hospitalar Beatriz Ângelo, quais os motivos específicos que levaram à escolha da Securitas?**

**AV** - Fizemos este exercício em relação a todos os aspectos do *outsourcing*.

Fomos consultar apenas empresas que têm qualidade no mercado, excluimos outras de “vão de escada”, embora o preço fosse inferior. Os nossos interesses, baseados em exigências, foram os seguintes: nível de serviço, adequação da proposta às necessidades concretas do edifício e zona de estacionamento, bem como preço. Nunca tinha trabalhado com a Securitas. Consultámos o mercado e optámos pela proposta mais competitiva. Nós quisemos dizer claramente ao mercado que há que ser concorrencial

**SP - Os serviços prestados pela Securitas têm correspondido às expectativas inicialmente criadas?**

**AV** - Sem dúvida nenhuma. Como disse, nunca tinha trabalhado com a Securitas. Estes meses têm corrido muito bem. Colocaram aqui um Coordenador excelente, muito tranquilo e calmo, que sabe gerir a sua equipa. Neste primeiro trimestre de cooperação a parceria tem sido excelente. A inauguração, com requisitos muito

específicos e exigentes em termos de segurança, decorrentes da presença do Ministro da Saúde, foi muito bem sucedida.

O êxito deveu-se também à boa articulação com os serviços hoteleiros. A Responsável pela gestão do contrato de segurança tem igualmente a coordenação da área de hotelaria, possuindo formação e experiência adequadas, pois anteriormente exerceu funções idênticas no Hospital da Força Aérea. Antes da inauguração, a Securitas começou por garantir a segurança dos equipamentos. Nunca tive uma experiência tão boa como com a Securitas. Não desapareceu qualquer equipamento, correu lindamente.

No Hospital Beatriz Ângelo temos sistemas electrónicos de segurança próprios, instalados de raiz, como controlo de acessos, sistemas anti-rapto na área Pediátrica, entre outros, que a Securitas gere, fazendo a sua monitorização.

**SP - Como prevê a evolução das necessidades de segurança desta unidade hospitalar?**

**AV** - São crescentes, no sentido de que a evolução da nossa actividade tem como consequência o aumento de risco. Com o tempo, os utentes começam a conhecer cada vez melhor o hospital, o que nos obriga a ser mais ágeis a nível de segurança. Por outro lado, a experiência traz o aumento de eficiência, portanto prevejo que as necessidades de segurança não irão ser muito maiores.

**SP - Porque foi escolhido o nome “Beatriz Ângelo” para este Hospital?**

**AV** - A anterior Ministra da Saúde, Dr.<sup>a</sup> Ana Jorge, propôs que o hospital tivesse o nome de uma mulher. A escolha recaiu sobre Beatriz Ângelo, que concluiu o curso de Medicina em 1902 e foi a primeira mulher a operar no Hospital de São José e também a primeira a votar em Portugal. Diz-se que na casa dela é que se bordou a primeira bandeira republicana. Sufragista e destacada militante republicana, aproveitou uma indefinição da lei para a subverter a seu favor, pelo facto de consignar que só podiam votar os “cidadãos portugueses com mais de 21 anos que soubessem ler e escrever e fossem chefes de família”. Na qualidade de viúva, apresentou-se nas eleições para a Assembleia Constituinte de 28 de Maio de 1911, alegando que era chefe de família e médica, portanto sabia ler. Depois, foram tomadas medidas legislativas que impediram as mulheres de votar, através do Código Eleitoral de 1913.

Só cerca de 20 anos mais tarde, em 1931, lhes foi concedido o direito de voto, mas com restrições tendo por base o género, só totalmente abolidas depois do 25 de Abril de 1974.

**SP - No contexto da sua implantação geográfica e dos cuidados de saúde que presta aos utentes, quais as necessidades que o Hospital Beatriz Ângelo veio colmatar?**

O hospital serve uma população de aproximadamente 278 mil pessoas, dos concelhos de Loures, Mafra, Odivelas e Sobral de Monte Agraço. O impacto do Hospital Beatriz Ângelo é de 30% em relação aos utentes do Hospital de Santa Maria. Lisboa está a perder pessoas, pois muitas têm vindo a deslocar-se para a periferia, para os chamados concelhos dormitórios. Este movimento deu origem aos hospitais de Almada, de Amadora-Sintra, Loures, Vila Franca de Xira e Cascais.

No entanto, Lisboa continua a ter os mesmos hospitais, que são distritais, concelhios, regionais. Portugal não é suficientemente rico para manter todos, há que proceder a uma reorganização. Esta discussão tem de ser feita, pois o país não tem meios para esta acumulação de unidades hospitalares. A rede de hospitais de Lisboa tem de ser reestruturada, de forma a que apenas seja posta em causa a existência daqueles que não fazem falta, e não a de todos.

### **SP - Como tem decorrido a actividade do Hospital desde a sua inauguração?**

**AV** - Tem corrido de acordo com o previsto. As urgências no período do Inverno costumam aumentar, diminuindo nas estações seguintes.

Abrimos em Fevereiro num pico, com a gripe que se verificou a afectar especialmente os idosos. Caiu-nos o “Carmo e a Trindade” em cima, por assim dizer. Nessa altura e a cada dia, registámos um aumento de utentes nas urgências da ordem das 50 pessoas até um total de 400. Ao fim de 15 dias a situação normalizou-se.

Por vezes, temos alguns picos de procura, mas vamos tendo flexibilidade para resolver as situações. O aumento da esperança média de vida também afecta a nossa unidade hospitalar. Por outro lado e sem querer ser mal interpretado, a crise pode melhorar a saúde, porque acaba por se reflectir na alimentação e, em muitos casos, comer menos é mais saudável. Diminuem também as mortes por acidente de viação, porque circulam menos automóveis.

Os hospitais vivem de duas situações dos seus utentes: doença aguda e acidente, que são 30% dos casos. Os outros 70% são doenças crónicas que se agravam, que entopem as urgências e aumentam os internamentos. A crise agrava estas situações crónicas, porque as pessoas têm de optar em relação aos medicamentos que podem comprar. E verificam-se casos de fome, de subnutrição extrema, pessoas extremamente fragilizadas pelas dificuldades económicas.

### **SP – Quais as perspectivas para o futuro?**

**AV** - Abrimos o hospital num tempo recorde de 19 dias. O “senhorio”, o Estado, deu-nos a instalação e conseguimos abrir em tão pouco tempo, cumprindo religiosamente a data de abertura programada. Nós abrimos todas as áreas e valências do Hospital de Loures entre 19 de Janeiro e 27 de Fevereiro. Aqui, há dois anos e meio, andavam cabras a pastar.

Acho que as perspectivas de manter e desenvolver o hospital são bastante boas, mas dependem da forma como o nosso País e os mercados se vão comportar, estamos todos no mesmo “barco”.

### **Construção em números:**

- Área total: 166.000 m<sup>2</sup>
- Área de implantação: 19.233 m<sup>2</sup>
- Área bruta de construção do hospital: 63.241 m<sup>2</sup>
- Lugares de estacionamento: 1.270
- 420 camas
- 9 salas operatórias
- 5 quartos de parto e 2 salas de cesarianas
- 44 gabinetes de consulta
- 23 salas de exames/tratamentos
- 93 postos de Hospital de Dia
- 3 Serviços de Urgência (Geral, Pediátrica e Ginecologia/Obstetrícia)